

ERMINO TEIXEIRA DO AMARAL

Pêja do Cégo ADERALDO

José Pretinho do TUCUM

Apciem meus leitores
Na forte discussão
que tive com Zé Pretinho,
o cantador do sertão
qual no tanger do verso
encia qualquer questão.

*can
E canto
Pa*

Alia determinei
do Quixadá.
das das cidades
do Estado, Ceará
Até a Piauí,
Vr os caidores de lê

O dono da casa
Espedei em Pim... muita alegria,
Dpois em lago... satisfeito
Cuiel na Folgava alegre e sorria
Vou dar o nome do povo
Que veio para a cantoria.

Vieram o capitão Duda
Tonheiro e Pedro Galvão,
Augusto, Antonio Feitosa
Francisco, Manoel Simão,
Snr. José Carpinteiro,
Francisco e Pedro Aragão.

P. Pretinho

Eu lhe disse : Não senhor
Mas da verdade eu não zombo
Mande chamar esse preto
Que eu quero dar-lhe um tomb
Ele vindo, um de nós dois
Hoje há de arder o lombo.

O dono da casa disse :
—Zé preto pelo comum
Dá em dez ou vinte cégos
Quanto mais só sendo um
Mandou ao Macumaseiro
Chamar Jose do Tucum.

Chamou um dos filhos e disse
—Meu filho você vá já
José Pretinho,
e eu não ir
sem falta
na por cá.

Que vá tirando a camisa
Mande benzer logo o lombo,
Que eu quero dar-lhe uma pisa.

Tudo zombava de mim
Eu ainda não sabia,
Que o tal Zé Pretinho
Vinha para cantoria
As cinco horas da tarde
Chegou a cavalaria.

O preto vinha na frente
Todo vestido de branco,
Seu cavalo encapotado
Com o passo muito franco
Riscaram de uma só vez
Todos no primeiro arranco.

Saudaram o dono da casa
Todos com muita alegria,
E o velho satisfeito
Folgava alegre e sorria
Vou dar o nome do povo
Que veio para a cantoria.

Vieram o capitão Duda
Tonheiro e Pedro Galvão,
Augusto, Antonio Feitosa
Francisco, Manoel Simão,
Snr. José Carpinteiro,
Francisco e Pedro Aragão.

O José da Cabeceira
O seu Manoel Casado,
Chico Lopes, Pedro Rosa
E Manoel Bronzeado
Antonio Lopes de Aquino
E um tal de «Pê Furado».

João Antonio de Andrade
Samuel e Jeremias,
Sr. Manoel Thomaz
Manduca, João de Ananias
E veio o vigário velho
Cura de tres freguezias.

Foi dona Meridiana
Do gremio das professoras,
esta levou duas filhas
Bonitas e encantadoras
Essas eram da igreja
As mais eximias cantoras.

Foi tambem Pedro Martins
Alfredo e José Raimundo
Sr. Francisco Palmeira
João Sampalo Segundo,
E um grupo de rapazes
Do batalhão vagabundo.

Levaram o negro p'ra sala
E depois para a cosinha,
Lhe ofereceram um jantar,

De doce queijo e galinha
Para mim veio um café
Com uma magra bolachinha.

Depois trouxeram o negro.
E colocaram no salão
Assentado num sofá
Com a viola na mão
Junto uma escarradeira
Para não cuspir no chão.

Ele tirou a viola
Dum saco novo de chita
E cuja viola estava
Toda enfeitada de fita
Ouvi as moças dizendo,
— Grande viola bonita !...

Então para mim sentar
Botaram um pobre caixão,
Já velho desmantelado
Desses que vem com sabão,
Eu sentei ele envergou
E me deu um beliscão.

Eu tirei a rebequinha
Dum pobre saco de meia
Um pouco desconfiado
Por estar em terra alheia
Ouvi as moças dizendo,
— Meu Deus que viola feia !

Um disse a Zé Pretinho:
—A roupa do cégo é suja
Botem tres guardas na porta
Para que ele não fuja
Cégo feio assim de oculos,
Só parece uma coruja.

Disse o capitão Duda
Como homem muito sensato,
—Vamos fazer uma bolça
Botem dinheiro no prato
Que é mesmo que botar,
Manteiga em venta de gato.

Disse mais, Eu quero ver
Pretinho espalhar os pés,
E para os dois cantores
Tirou setenta mil reis,
Mas vou inteírar oitenta
Da minha parte dou dez.

Me disse o capitão Duda,
—Cégo você não extranha,
Este dinheiro do prato
Eu vou lhe dizer quem ganha
Pertence ao vencedor
Nada leva quem apanha.

Nisso as moças disseram
—Já tem oitenta mil reis
Porque o capitão Duda,

Da parte dele deu dez,
Se encostaram a Zé Pretinho
E botaram mais tres aneis.

Então disse Zé Pretinho,
— De perder não tenho medo
Esse cêgo apanha logo
Falo sem pedir segredo
Tendo isto como certo
Botou os aneis no dedo.

Afinamos os instrumentos
Entramos em discussão,
O meu guia disse a mim,
— O negro parece o cão
Tenha cuidado com ele
Quando entrar em questão.

~~CEGO~~— Eu lhe disse: Seu José
Sei que o senhor tem ciencia
Parece que é dotado
Da divina providencia
Vamas saudar o povo
Com a sua justa excelencia.

PRETINHO-- Sai dai cêgo amarelo
Côr de couro de toucinho,
Um cêgo da tua forma
Chama-se abusa visinho
Aonde eu botar os pés
Cêgo não bota focinho.

C.--Já vi que seu pretinho
E' um homem sem ação,
Como maltrata outro
Sem haver alteração?
Eu pensava que o senhor
Possuisse educação.

P.--Este cégo bruto hoje
Apanha que fica rôxo,
Cara de pão de cruzado
Testa de carneiro môxo
Cégo tú es o bichinho
Que quando come vira o côxo.

C.--Seu José o seu cantar,
Merece ricos fulgores,
Merece ganhar na sala
Rosa e trovas de amores
Mais tarde as moças lhe dão
Bonitas palmas de flôres

P.--Cégo eu creio que tú és
Da raça de sapo sunga
Cégo não adora a Deus
O Deus do cégo é calunga,
Aonde os homens conversam
O cégo chega resmunga

C.--Zé Preto não me aborreça
Com o teu cantar ruim,
O homem que canta serio

Não trabalha em verso assim
Tirando as faltas que tem
Botando em cima de mim.

P.--Cala-te cégo ruim
Cégo aqui não faz figura
Cégo quando abre a boca
E' uma mentira pura,
O cégo quanto mais mente
Inda mais sustenta e jura.

C.--Este negro foi ecravo
Por isso é tão positivo,
Quer ser na sala de branco
Exagerado e ativo
Negro da canela seca,
Todo ele foi cativo.

P.--Dou-te uma surra
De cipó de urtiga,
Te furo a barriga
Mas tarde tú urra
Hoje o cégo esturra
Pedindo socorro
Sai dizendo, eu morro
Meu Deus que fadiga
Por uma intriga
Eu de mêdo corro.

C.--Se eu der uma tapa
Num negro de fama
Ele come lama
Dizendo que é papa
Eu rompo-lhe o mapa
Lhe rasgo de espora
O negro hoje chora
Com febre, e com ingua
Eu deixo-lhe a lingua
Com um palmo de fora

P.--No sertão eu peguei
Um cégo malcreado
Danei-lhe o machado
Caiu eu sangrei
O couro eu tirei
Em regra de escala
Espichei-o na saia
Pucheí para um beco
E depois de seco
Fiz dele uma mala

C.--Negro és monturo
Mulambo rasgado
Cachimbo apagado
Recanto de muro
Negro sem futuro
Perna de tição,
Boca de porão,
Beíço de gamela
Venta de muela
Moleque ladrão.

P.--Vejo a coisa ruim
O cégo está danado
Cante moderado
Que não quero assim
Olhê para mim,
Que sou verdadeiro
Sou bom companheiro
Canto sem maldade
Eu quero a metade
Cégo do dinheiro.

C.--Nem que o negro seque
A ingulideira,
Peça a noite inteira
Que eu não lhe abeque
Mas este moleque
Hoje da pinote
Boca de bispote,
~~Está de boeiro~~
Tú queres dinheiro
Eu dou-te chicote.

P.--Cante mais moderno
Perfeito e bonito.
Como eu tenho escrito
Cá no meu caderno
Sou seu subalterno
Embora extranho
Creio que apanho,
E não dou um caldo
Que peço Aderaldo
Reparta o ganho.

C. -- Negro é raiz
Que apodreceu,
Casca de judeu
Moleque infeliz,
Vai para o teu paiz
Se não eu te surro,
Dou-te até de murro,
Te tiro o regalo,
Cara de cavalo,
Cabeça de burro.

P. -- Fale de outro geito
Com melhor agrado,
Seja delicado,
Cante mais perfeito,
Olhe eu não aceito,
Tanto desespero
Cantemos maneiro,
Com verso capaz
Façamos a paz
E parta o dinheiro.

C. -- Negro careteiro,
Eu te rasgo a giba.
Cara de guariba,
Pagé feiticeiro,
Queres dinheiro,
Barriga de angú
Barba de Kuandú,
Camisa de saia,
Te deixo na praia,
Escovando urubú.

-- Eu vou mudar de toada
para um que meta mêdo
anca encontrei cantador
de desmanchasse esse enrêdo,
um dêdo, é um dado, é um dia
um dia, é um dado, é um dêdo.

-- Zé Preto este teu enrêdo,
e serve de zombaria,
hoje cegas de raiva
diabo sera teu guia,
um dia, é um dado é um dêdo
um dêdo, é um dado, é um dia.

-- Cégo respondeste bem
como quem estivesse estudado,
tambem da minha parte
tanto verso aprumado
um dado, é um dia, é um dêdo
um dêdo, é um dia, é um dado.

-- Vamos lá Zé Pretinho,
e eu ja perdi o mêdo
bravo como um leão
forte como um penêdo,
um dêdo, é um dado, é um dia
um dia é um dado, é um dêdo.

P. -- Cégo agora puxa uma
Das tuas belas toadas,
Para ver se estas moças
Dão algumas gargalhadas,
Quase todo povo rir,
Só as moças estão caladas.

C. -- Amigo José Pretinho
Eu nem sei o que será,
De você depois da luta
Você já vencido está,
Quem a paca cara compra
Paca carã pagará.

P. -- Cégo estou apertado
Que só um pinto no ovo,
Estaes cantando aprumado
E satisfazendo o povo,
Mas este tema de paca
Faz favor diga de novo.

C. -- Disse uma vez digo dez
No cantar não tenho pompa,
Presentemente não acho
Quem o meu mapa rompa,
Paca cara pagará
Quem a paca cara compra.

P. -- Cégo teu peito é de aço
Foi bom ferreiro que fez,
Pensei que o cégo não tinha

No verso tal rapidez,
Cégo se não é massada,
Repita a paca outra vez.

C. -- Arre com tanta pergunta
Desse negro capivara,
Não há quem cuspa p'ra cima
Que não lhe caia na cara,
Quem a paca cara compra
Pagará a paca cara.

P. -- Agora cego me ouça
Cantarei a paca já,
~~Thessa~~ assim é um burrêgo
No bico de um Cacará,
Quem a caca cara compra
Caca cara cacará.

Houve um trovão de risada
Pelo verso do Pretinho,
O capitão Duda disse:
—Arreda p'ra lá negrinho,
Vai descançar o juizo
Que o cégo canta sosinho.

Ficou vaiado o Pretinho
Eu lhe disse: Me ouça,
José quem canta comigo
Pega divagar na louça,
Agora o amigo entregue
O anel de cada moça.

Desculpe Jose Pretinho
Se não cantei a teu gosto,
Negro não tem pé tem gancho
Não tem cara mas tem rosto,
Negro na sala de branco
Só serve p'ra dar desgosto.

Quando eu fiz este verso
Com a minha rabequinha,
Procurei o negro na sala
Já-estava na cosinha,
De volta queria entrar
Na porta da camarinha.

FIM=Recife, 28-5-941

Preço 500



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).